



Evaristo de Miranda

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

O agronegócio do cavalo

Em São Paulo, o movimento da Revolução Constitucionalista de 1932 é relembrado, particularmente, no mês de julho. Uma das participações pouco conhecida do mundo rural no Movimento Constitucionalista se deu com o cavalo Mangalarga. Esse cavalo de lida, trabalho e lazer, assumiu o emprego militar em 1932. E nesse e em outros destinos segue até hoje.

Dada a qualidade da tropa equina da região nordeste do Estado e o idealismo de sua gente, ao irromper a Revolução Constitucionalista, constituiu-se o Regimento de Cavalaria Rio Pardo. Além dos cavalos da raça Mangalarga, recursos financeiros e mantimentos foram doados por fazendeiros. Sobre a participação do Regimento de Cavalaria Rio Pardo nos combates, ver: http://memoria.bn.br/pdf/720216/per720216_1932_00068.pdf

Hoje, a raça Mangalarga possui cavalos de alto valor zootécnico, adquirido em mais de cem anos de seleção de marcha trotada, resistência e rusticidade. A raça em nada perde para outras estrangeiras. Sobre as características e a história do cavalo Mangalarga marchador, ver: <http://www.abccmm.org.br/araca>

O rebanho mundial de equinos é de cerca de 60 milhões de cabeças. Os EUA reúnem 9,5 milhões de cabeças, a China quase 7 milhões, o México 6,4 milhões e o Brasil quase 6 milhões, dos quais apenas 000 registrados em associações hípicas. A maioria desses animais trabalha no campo, na lida com o gado, de Norte a Sul do Brasil. E a posição do Brasil no ranking mundial de equinos se deve sobretudo à raça Mangalarga marchador.

Os elos da cadeia produtiva do cavalo, além dos haras e coudelarias, da cria e recria, associa diversos segmentos industriais e de serviços. Empregos são gerados em atividades com produtos veterinários, rações, feno, selaria, casqueamento, ferrageamento, transporte, leilões, rodeios, vestimentas, exposições e concursos, exportação e importação, seguros etc. E também em atividades de equoterapia, hipismo, trote, polo, vaquejada, turismo equestre, emprego militar, escolas de equitação, carne e curtumes, além do emprego direto de jockeys, tratadores, veterinários, adestradores, zootecnistas etc. Todos esses elos, na montante e na jusante das fazendas, constituem o agronegócio do cavalo, sempre em crescimento.

A indústria do cavalo movimenta no Brasil mais de 16 bilhões de reais ao ano, gera 610 mil empregos diretos e 2,5 mil empregos indiretos. São cerca de 3 milhões de postos de trabalho. O negócio dos equinos emprega seis vezes mais do que a indústria automobilística, segundo

estudo da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP. Sobre a economia do cavalo e os empregos, ver: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/documentos/texto/estudo-do-complexo-do-agronegocio-do-cavalo-a-relatorio-completo.aspx>

O cavalo é fundamental na lida com 215 milhões de bovinos, o maior rebanho comercial do planeta. E o Brasil não seria o maior exportador mundial de carne bovina sem seus cavalos e cavaleiros.